

Antonio Delfim Neto, vai fazer 57 anos exatamente no próximo dia 1º de maio. Ele nasceu, portanto, no dia dos trabalhadores. Fato que muitos líderes sindicais nesse país, consideram irônica ironia da História.

Será um aniversário muito calmo. Não mais aquela ansiosa, barulhenta e em geral mal-educada multidão de puxa-sacos atravancando toda a rua Peixoto Gomide, em São Paulo, para cumprimentá-lo. Um ritual que a classe empresarial paulista e brasileira em geral tem no seu acervo de permanentes curvaturas de espinha.

Se vocês querem saber, acho que Delfim sempre mereceu melhor cortejo.

Mas mesmo não gostando, você terá de viver sob sua influência durante muitos anos ainda. Em 1967, quando começou aquilo que poderíamos chamar de "a era Delfim", ele tinha apenas 39 anos. Não é nem um feito notável, porque Alexandre da Macedônia morreu com apenas 33 anos, a idade de Cristo — e esses dois tiveram mais influência na História da Humanidade do que duzentos Delfim Neto.

Delfim certamente não pensava, em 1967, que seria o administrador público mais famoso, mais influente e mais poderoso da História deste país. Tenho certeza de que ele mesmo precisa esforçar-se, hoje em dia, para explicar, se quiser, por que isso aconteceu. Mas o processo que resultou nisso sem dúvida foi fascinante. E se eu não precisasse, como jornalista, correr de ceca e meca diariamente para ganhar a vida, a coisa que mais gostaria de fazer agora seria parar e ficar uns dois anos escrevendo a grande reportagem de Delfim e seu período de poder. Mesmo que fosse para concluir que ele realmente infelicitou este país.

O ator principal

Lembro-me de uma frase de Orson Welles no filme *O Terceiro Homem*. Era algo mais ou menos assim: quinhentos anos de democracia perfeita na Suíça produziram o relógio cuco; trinta anos de terror des Borgia na Itália produziram a Renascença...

Não sabemos, nós, contemporâneos, se da "era Delfim" resultará uma Renascença. Mas decididamente não resultará apenas o relógio cuco.

Mas, afinal, o que foi a era Delfim?

Já está na hora, pelo menos, de tentar entendê-la. E uma das coisas que podem ser ditas é que começou muito antes do Delfim Neto e vai acabar muito depois dele. Receberá o seu nome, talvez, não porque ele realmente tenha sido o seu autor, mas porque foi o seu ator principal; e melhor do que ninguém soube perceber o que se passava em cena, e como era preciso manipular os espectadores.

Recentemente uma figura curiosa do nosso pequeno universo de personalidades, misto de intelectual, cientista e empresário, contou-me que perguntou a Delfim, num encontro de aeroporto, quase por brincadeira, o que deveria fazer para editar um livro que pretendia sem pedir dinheiro ao governo, aos amigos e se possível sem ter de pagar do seu próprio bolso. Para sua surpresa Delfim resolveu a charada na hora. Perguntou se ele tinha uma firma. Ele confirmou. O ministro então sugeriu que ele fizesse constar "atividades ecológicas" dos propósitos legais da firma: "Aí então o dinheiro que você iria dar ao leão você usa para mandar fazer fotolitos". O livro era sobre ecologia.

Em 1973 eu era editor de economia da revista *Visão* e meti-me numa discussão com o então ministro da Fazenda Delfim Neto sobre o crescimento da dívida externa brasileira, que naquela época era ridícula. Depois de argumentações diversas da minha parte, ele observou: "Bom, você está falando, na prática, de um problema ou um risco que poderá aparecer daqui a dez ou 12 anos. Certo?" Respondi que



Por Marco Antonio Rocha

era isso mesmo. "Então ficamos assim. Quando tivermos o problema a gente o resolve, OK?" Hoje eu poderia escrever furibundos editoriais — e na verdade os escrevo — sobre a imprevidência ou a imprudência do ex-ministro com esse assunto. Mas isso é hoje. Naquele dia do final de 1973 realmente não tive resposta.

Agora, quando perguntam a ele o que pretende fazer, a resposta é: eleger-se deputado. Mas para quê? Seu período passou, sua era morreu, senhor ministro. O senhor está completamente desgastado no terreno político por causa do fracasso da sua política econômica. Sim, pode ser, é a resposta. Mas daqui a um ano, um ano e meio, as pessoas mais perspicazes já se estarão convencendo de que não era a minha política econômica que estava errada; na verdade não havia coisa muito diferente a ser feita; e então começa a aparecer aí um espaçozinho para mim, de novo.

Ovos de Colombo

Essas três histórias servem para revelar, talvez, o tipo de personalidade que melhor se adaptava à chamada era Delfim. Uma cabeça prática, de despachante, capaz de distribuir ovos de Colombo para empresários perplexos com dificuldades aparentes nos seus negócios. Uma visão imediatista de quem vê a administração como o ato de andar de bicicleta: não é possível parar para pensar em coisas que ainda não são problemas, porque senão a gente cai; é preciso ir tocando e resolvendo os problemas do dia. Características pouco indicadas para um ministro do Planejamento. Mas uma dose elevada de realismo e de conhecimento da psicologia das pessoas, que muito ajudou o ex-ministro a ganhar inúmeras paradas políticas dentro dos governos aos quais serviu.

Esses defeitos, ou virtudes, como queiram, sempre estiveram funcionando a pleno vapor por causa de uma capacidade extraordinária de trabalho, um gás que se mantinha aceso das 6 da manhã à meia-noite, praticamente sem vacilação. Num país onde as pessoas perdem tempo extraordinário em almoços intermináveis e conversa fiada, Delfim tinha de passar na frente de quase todo mundo. E talvez tivesse, também, ao fim e ao cabo, de "quebrar a cara". Por excesso de velocidade.

Ele gosta de dizer que só respei-

ta uma coisa: a lógica. E é verdade. O que o leva a desprestigiar muitas coisas que são até mais importantes do que a lógica, para o administrador público. Por exemplo, não há muita lógica nas emoções e paixões populares em geral. Mas é muito necessário respeitá-las. Ulysses Guimarães e Tancredo Neves sabem disso. Delfim também sabe. Mas não consegue realmente ter respeito por essa coisa que lhe parece vaga, chamada opinião pública. Assim, Ulysses e Tancredo acabam sendo muito mais inteligentes do que ele nesse aspecto. E mais esperos também.

Por que todo mundo considera Delfim superesperto? Onde está a esperteza de alguém que depois de deter uma fantástica soma de poderes se vê completamente arrasado no terreno político? E esperteza ocupar espaços, assumir encargos, jogar em todas as posições, implantar a política do "deixa que eu chuto"? Muita gente pode pensar que sim. Mas graças a semelhante esperteza, o tipo acaba sendo responsabilizado também por tudo quanto acontece de errado. A esperteza de Delfim, portanto, era uma esperteza boa para quando as coisas davam certo. Muito ruim e contraproducente para quando elas dão errado.

Getúlio e JK

Mas, como já disse, ele foi somente o maior ator da sua era. Ela começou bem antes. Talvez em 1930, quando Getúlio Vargas iniciou no Brasil o processo de fortalecer o governo e persuadir as pessoas de que isso era uma boa coisa. Não deu muito trabalho. Dada nossa formação histórica e cultural, era justamente isso que precisávamos para ir muito além do que Getúlio talvez pretendesse: para nos convenceremos de que o governo era a única coisa boa e cairmos todos no doce jogo de gravitar em torno de suas benesses. Juscelino Kubitschek — um Delfim que deu certo — ampliou e intensificou o processo. A revolução de 64 encontrou a cama feita: a Nação transformada numa enorme Brasília, onde praticamente todos viviam do governo ou em função dele. Apenas acabou com a farsa de que éramos uma democracia ocidental e afastou do centro do poder alguns sujeitos que não haviam ainda entendido o espírito da coisa e imaginavam ingenuamente que os governos é que

devem ser produto e servo das sociedades, e não o contrário. O espírito da coisa é que somos um reino oriental, e Delfim foi seu grão-vizir.

De modo que em 1967 o ministro Antonio Delfim Neto encontrou a sua era perfeitamente pronta para ser usada. E usou-a, lindamente! Ah, sim, muitos generais e coronéis também não haviam ainda entendido o espírito da coisa naqueles dias, e pensavam ter feito uma revolução para colocar o governo a serviço do País. Pacientemente, brandindo sua régua de cálculo e seu discurso altamente persuasivo, misto de economês, filosofia e esperteza, Delfim confundia esses espíritos simples e aplainava o caminho para os "entendidos". Na verdade, era um perfeito serviçal da era Delfim, e não seu inventor. E essa era desgastou no governo Médici, quase um reinado de Luís XIV no Brasil, apenas mais curto.

Cheque em branco

O Brasil repudiou a era Delfim?

Alguns alunos eternos da USP podem pensar que sim. Mas o Brasil se regalou com a era Delfim. A oposição era feita por verdadeiros abnegados, que até lhe prestavam o serviço de se oporem. E pelas crianças que ficaram irritadas a ponto de irem atrás da utopia guevarista. A coisa mais trágica e mais comovedora desse período negro foi ver pessoas morrendo para "salvar" uma sociedade que obviamente estava desfrutando a festa. Alguns tinham certo pudor e ponderavam que aquela bacanal com os instrumentos de poder era malsã. Mas não chegavam a rasgar a fantasia. Quem realmente chegasse a esse ponto ficava como os cristãos da Roma dos césares — relegados às catacumbas.

Não sou especialista em História, e por isso me pergunto se terá havido algum período em que governos ficaram tão despuadoradamente alheios à opinião pública e isentos de fiscalização, por tão longo tempo, como os da era Delfim no

Brasil. E ainda continuam, de certo modo. Acho incrível que uma sociedade como a brasileira aprove, através dos seus representantes no Congresso, supostamente já livres daquela opressão policialista de tempos atrás, um orçamento em que trilhões de cruzeiros figuram simplesmente como "transferências para o orçamento monetário", ou seja, como cheque em branco para o ministro da Fazenda ou do Planejamento gastarem. Mesmo que se chamem Dornelles ou Sayad, eu não lhes daria esse dinheiro.

Delfim certamente deixou de ser o principal ator da vida administrativa e política nacional. Mas sua era não terminou. Continua viva e vibrante nas ondas concêntricas do poder — da Presidência da República à mais distante das estações. Diga-se de passagem, eis aí, ela se teria eternizado, em minha opinião, e transformado o País inteiro num enorme play-ground governamental, burocrático; num verdadeiro reino cartorial, caso esse rumo tivesse de ser abalado ou perturbado por reações e imposições da própria sociedade brasileira.

Barco à deriva

Na verdade o que ameaçou, embora sem afundar, o Titanic da era Delfim com sua festança de bordo, foram as borrasças internacionais imprevistas. A partir de 1974, a corte de sibaritas em que veio se transformando o governo brasileiro desde a revolução de 30 não pôde mais dispor do "ouro" internacional para suas dissipações. Alguns beneficiários mais periféricos passaram a ser cortados. Convivas menos espertos começaram a ficar na chuva. Um clima de irritação principiou a desenvolver-se, agravado inclusive, já a esta altura, por desmandos de centuriões que andavam matando gente importante (e inocente) em certas prisões. Isso foi de mau gosto. Começou a deixar a festa triste. E começou a impor algum brio em camadas mais suscetíveis da sociedade, até mesmo entre alguns empresários.

Agora o comando do Titanic foi substituído. Ele está meio à deriva. A festa morreu e apenas alguns palhaços tentam reanimá-la como se viu no recente carnaval com o enredo — aliás vaiado — de determinação escola de samba. A situação é séria. O capitão Delfim Neto pulou ou foi atirado na água. Mas, prestem bem atenção: a tripulação continua a mesma. Por isso, mesmo sem lantejoulas e festas, a era Delfim sobrevive. E mostra sua força quando outras caras se juntam em torno de Tancredo para pedir aos gritos que o governo resolva seus problemas.